



**Classe “C” e política: uma reflexão sob a perspectiva da
midiatização¹**
**Class "C" and politics: a reflection from the perspective of
mediatization**

Manoella Neves²

Ricardo Vernieri de Alencar³

Palavras-chave: midiatização; circulação; classes populares; política; internet.

1. Introdução

A discussão a seguir parte da entrevista com o antropólogo Juliano Spyer concedida ao jornal El País e publicada no dia 27 de novembro de 2017. O antropólogo fala sobre seu livro, resultado de seu doutorado na University College London (UCL), no Reino Unido. Spyer acompanhou o cotidiano de um povoado no norte da Bahia durante 15 meses. A obra faz parte de uma série da universidade britânica que compara como as classes populares de nove países usam as mídias sociais digitais. Uma das observações que o autor faz é o de que a classe “C” não usa o Facebook para mobilização política. Desta forma, a análise e observação feita no vindouro artigo será

¹ Trabalho apresentado ao II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 8 a 12 de abril de 2018.

² Professora adjunta da Universidade Federal de Alagoas, nos cursos de relações públicas e jornalismo. Doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2017). Mestrado em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2002). Graduação em Relações Públicas pela Universidade Federal de Alagoas (1999). Integrante do Grupo Interdisciplinar de Estudos da Marca e suas Interfaces (GIEMI). manoellaneves@hotmail.com

³ Possui Graduação em Administração pela Universidade Católica de Pernambuco, Mestrado em Administração pela Universidade Federal da Paraíba e Doutorado em Ciências da Comunicação pela UNISINOS. Atualmente é professor da Universidade Estadual do Piauí. vernieri09@gmail.com



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

quanto à interação das camadas populares com questões políticas pelos dispositivos Facebook e WhatsApp.

Tendo como perspectiva a mediação, partimos dos indícios observados no contexto das interações identificadas por Spyer em sua tese e apresentadas na referida entrevista. Iniciou-se desse modo uma reflexão sobre circulação midiática dentro do próprio dispositivo, chamado aqui de circulação intramediática. Há dinâmicas próprias dentro de cada dispositivo e elas são movimentadas por grupos que produzem e reconhecem seus conteúdos e ressignificam, a partir de suas realidades, o que vem de circulação intermediária.

2. Sobre Mediação

Quanto à mediação, sabe-se que é inter-relação entre processos interacionais-midiáticos, agenciamentos dos meios e processos sociais (FERREIRA, 2013), que mediação está relacionada ao modo como a mídia permeia e confunde-se com outros campos ou instituições sociais. Este conceito pressupõe a inter-relação entre mídia, cultura e sociedade, uma vez que a mídia atravessa a sociedade contemporânea, não podendo ser considerada como algo à parte das instituições culturais e sociais. Deste modo, as instituições também alteram seus modos de apresentar-se. Suas formas de atuação foram modificadas dado que a mídia se torna parte do funcionamento dos outros campos. Alteradas pelas lógicas midiáticas, as instituições se configuram de modo diferente de outros tempos. No entanto, para quem estuda o campo da comunicação, não se trata de observar a mídia como causa desta modificação, mas, principalmente que relações, lógicas e processos de mediação se tensionam nos campos. As lógicas de mediação apresentam em seu processo, certos padrões e permanências assim como rupturas e dispersões.

A cultura comunicacional se demarca pelo fenômeno da mediação. Todos os setores sociais desenvolvem tentativas para se dotar dos recursos da mídia em suas interações. Para quem estuda os fenômenos da mediação, Braga (2015) ensina que é



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

preciso observar como as lógicas dos processos midiáticos se manifestam em casos concretos, observando seu surgimento, suas variações, suas manifestações e suas transformações, além de descobrir e acionar efetivamente os materiais que determinam os gestos e a coerência entre os usuários, e entre estes e os objetos do processo. Compreender casos particulares e fazer análises basilares – é o que se espera de um conhecimento científico.

As observações de Spyer na entrevista sobre sua pesquisa traz pontos particulares para compreensão sobre os modos de interação dentro de diferentes camadas sociais e dispositivos midiáticos. Segundo o autor, a rede é normalmente usada para um jogo local de poderes, mas não para discutir visões políticas como fazem os mais escolarizados. Para as classes populares a política é mais palpável, segundo Spyer, elas querem saber se o posto de saúde fica aberto 24 horas, quando sua rua será asfaltada, para citar alguns exemplos.

O conceito de mediação revela-se produtivo para a compreensão de como as classes sociais interagem, via mídias sociais digitais, com a política. Hjavard (2012) explica que ao estudar mediação busca-se entender as maneiras pelas quais as instituições sociais e os processos culturais mudaram de caráter, função e estrutura em resposta à presença da mídia. Por outro lado, Braga (2015) entende que se trata de pensar, sobretudo os usos específicos das mídias, qual a lógica da mediação em diferentes contextos.

Seguindo a ideia deste autor, a cultura comunicacional se demarca pelo fenômeno da mediação e todos os setores sociais desenvolvem tentativas para se dotar dos recursos da mídia em suas interações. Dois âmbitos básicos oferecem lógicas midiáticas bem estabelecidas: 1) conjunto de processos empresariais e profissionais que conduzem as atividades de indústria cultural. 2) Processos que derivam da materialidade das tecnologias midiáticas e de suas combinações. Os processos midiáticos, como processos sociais, apresentam determinados padrões, com certa coerência e



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

racionalidade interna que articula diversos movimentos e que também relacionam tais ações com os propósitos do processo. Estas lógicas ora são claras ora subliminares e

[...] não parecem esgotar toda a processualidade interacional da mediação. Junto com os novos meios e dispositivos técnicos, aparecem outros procedimentos, muitos dos quais experimentais, acionados pelos diversos setores sociais, que desenvolvem e testam outras lógicas. Mesmo que em parte derivadas de lógicas mais estabelecidas, é preciso apreender especificidades e experimentações na direção de outras regras, imediatas ou potenciais. (BRAGA, 2015, p. 16).

De acordo com Braga (2006), a palavra “mediação” pode ser relacionada a, pelo menos, dois âmbitos sociais. Um, trata processos sociais específicos que passam a se desenvolver (inteira e parcialmente) segundo lógica da mídia - entendendo então mediação de instâncias como a da política, do entretenimento e da aprendizagem. Outro, em um nível macro, refere-se à mediação da própria sociedade. Abordando a questão macro, o autor propõe uma visão sobre mediação como processo interacional em marcha acelerada para se tornar o processo de referência, acenando mais ajustadamente a reformulações sociotecnológicas de passagem dos processos mediáticos à condição de processualidade interacional de referência.

A expressão ‘referência’, em parte decorre da consideração de determinados processos como principais ou prevaletentes. Os demais processos interacionais teriam estes como parâmetro, como critérios de validade e definidores de lógicas centrais. Um processo interacional de referência, em um determinado âmbito, ‘dá tom’ aos processos subsumidos. Mas o fato de que um processo interacional assim se apresente, não corresponde a ‘anular’ outros processos, mas a funcionar como ‘organizador principal da sociedade’. Então, Braga (2015) entende que os processos interacionais de referência são os principais direcionadores na construção da realidade social onde a sociedade constrói esta realidade por meio de processos interacionais pelos quais os indivíduos, grupos e setores da sociedade se relacionam.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

As interações midiáticas constituem a realidade vivida de todas as classes sociais no Brasil. As classes apresentam modos específicos de se relacionarem via dispositivos midiáticos e escolhas próprias de quais e como usar cada um.

Quanto à política, por exemplo, as camadas populares pesquisadas por Spyer não discutem política nas redes sociais por entenderem que os políticos os veem como cidadãos de segunda categoria. O antropólogo acompanhou os protestos de 2013 e observou que seus vizinhos do povoado pesquisado assistiram às notícias dos protestos que aconteciam a 100 quilômetros dali, em Salvador, do mesmo jeito que assistiram aos protestos da Primavera Árabe ou do Occupy Wall Street nos Estados Unidos. O pesquisador afirma ainda que o que circulou no ano de 2014, principalmente no WhatsApp foi conteúdo ridicularizando políticos, com ideias pessimistas sobre o político ser essencialmente um interesseiro.

Os modos segundo os quais a sociedade realiza, escolhe e direciona as possibilidades sociais, a partir dos processos de interação, constroem a realidade. Articulações complexas entre participantes da sociedade e o acervo diverso de dados constituem as interações sociais contemporâneas. A sociedade contemporânea estaria em processo, em vias de mediatizar-se por completo, mas sendo evidenciadas algumas lacunas que caracterizariam o que Braga (2007) chama de ‘incompletude’ deste processo, referindo-se a insuficiências interacionais dos processos mediatizados para elaborar modos consistentes e defensáveis da construção social da realidade vivida. A mediatização em processo e suas lógicas afetam as práticas sociais e os modos de interagir, sobretudo frente aos dispositivos interacionais.

Dispositivos de interação são espaços e modos de usos, não apenas caracterizados por regras institucionais ou pelas tecnologias acionadas; mas também pelas estratégias, pelo ensaio-e-erro, pelos agenciamentos tácitos locais – em suma – pelos processos específicos da experiência vivida e das práticas sociais. (BRAGA, 2011b, p.11).



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Spyer afirma na entrevista que as camadas mais populares não precisam de internet para saber sobre os problemas da classe, nem de mídias sociais digitais para se articularem por que esta articulação já existe nas redes tradicionais de ajuda mútua, na proximidade física entre as pessoas.

Retorna-se a Braga (op.cit.) que aponta que tratar de ‘dispositivos’ permite incluir os processos que cercam a circulação midiática e os contextos significativos de produção, da apropriação e da ‘resposta social’ ou do reconhecimento dado a partir de tal produção. Deste modo, chega-se até à concepção de circulação.

3. Sobre Circulação

Quanto à concepção de circulação, Fausto Neto explica que quando a técnica se interpôs entre produtor e receptor de mensagens, teorias funcionalistas a observaram como algo instalado na circulação. E este espaço entre produção e reconhecimento que é a circulação, causa descontinuidade, rupturas no processo de interação. Assim,

[...] o que seria uma “disfunção” para o approach funcionalista é explicado por perspectivas teóricas da semiótica das operações discursivas como desarticulação produzidas pela ausência de convergência entre expectativas de produção e de recepção no trabalho da produção de sentido (2013, p. 47).

Para Ferreira, circulação é a concepção que deve ser pensada pela mediação enquanto uma perspectiva epistemológica.

Estudar a circulação é produzir inferências possíveis (questões e proposições) sobre os valores (des)construídos socialmente a partir de usos e práticas relacionáveis às interações com os dispositivos midiáticos, adotando como referência preliminar o campo observável constituído por materialidades difusas e distribuídas. Na perspectiva da inferência, os valores em jogo não são visíveis nem relacionáveis completamente. Sempre inferenciais, são provisórios e possíveis para o investigador, assim como o são os participantes do jogo comunicacional. (2013, p.142).



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Este autor diz ainda sobre circulação, à qual ele infere pelo campo observacional, que é uma problemática que se destaca entre os processos intermediáticos (entre dispositivos) e intramediático (no âmago do dispositivo). Ferreira (2013) sugere que o objeto primeiro da circulação seja a interação entre dispositivos midiáticos, com suas diversidades e semelhanças.

4. Sobre as perspectivas para o artigo

Da observação de Spyer, um exercício de observação e análise sobre as especificidades de interação da classe popular no Facebook e no WhatsApp. Há postura que identificam a classe em cada um dos dispositivos e indicam as formas de se relacionarem com a política, por exemplo.

Observar como as classes populares na comunidade pesquisada constroem sentidos de fundo político nas redes sociais digitais Facebook e Whastapp corrobora para o debate em torno do conceito de mediatização, no sentido de identificar especificidades interacionais das respostas sociais. As observações quanto às especificidades serão melhores desenvolvidas ulteriormente, no artigo completo.

Referências bibliográficas

BRAGA, J. L. Lógicas da mídia, lógicas da mediatização? In: FAUSTO NETO, A., et.al.. **Relatos de investigaciones sobre mediatizaciones**. 1a ed., Rosario: UNR Editora. Editorial de la Universidad Nacional de Rosario, 2015. E-Book.

_____. Mediatização como processo interacional de referência. In: MÉDOLA, A. S.; ARAÚJO, D. C.; BRUNO, F. (Orgs.). **Imagem, visibilidade e cultura midiática**: livro da XV Compós. Porto Alegre: Sulinas, 2007.

FAUSTO NETO, A. A circulação das bordas. In: FAUSTO NETO, A.; VALDETTARO, S.. **Mediatización, sociedade y sentido**: diálogos entre Brasil y Argentina. Rosário, Argentina, Agosto 2010, p. 2-17.

_____. Como as linguagens afetam e são afetadas na circulação? In: BRAGA, J. L.; FERREIRA, J.; FAUSTO NETO, A.; GOMES, P. G. (Orgs.). **10 perguntas para**



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

a produção do conhecimento em comunicação. São Leopoldo-RS: Ed. UNISINOS, 2013, p.43-64.

FERREIRA, J. Como a circulação direciona os dispositivos, indivíduos e instituições?
In: BRAGA, J. L.; FERREIRA, J.; FAUSTO NETO, A.; GOMES, P. G. (Orgs.). **10 perguntas para a produção do conhecimento em comunicação.** São Leopoldo-RS: Ed. UNISINOS, 2013, p.140-155.

HJAVARD, S. Mediatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. In: **Matrizes**, ano 5, n 2, jan./jun. 2012: São Paulo, 2012.